

---

**TODOS POR UM E UM POR TODOS: ESPAÇOS, PRÁTICAS E  
DIFUSÕES CULTURAIS OPERÁRIAS EM PORTO ALEGRE  
(1900-1910)**

**ALL FOR ONE AND ONE FOR ALL: SPACES, PRACTICES AND  
CULTURAL WORKERS BROADCASTS IN PORTO ALEGRE  
(1900-1910)**

---

Eduardo da Silva Soares  
Mestrando em História, UFSM  
eduardosoares@rocketmail.com

Glauca Vieira Ramos Konrad  
Doutora em História, UNICAMP  
gdkonrad@uol.com.br

**RESUMO:** O presente trabalho propõe investigar as práticas, os meios de difusão e os espaços ocupados com a preocupação em transformaras concepções culturais do período. Sendo assim, através dos atos dos operários e de como eles fomentam e articulam as ações para o enfrentamento da luta de classes em suas produções e atuações no campo da cultura do período. Enfim, destaca-se que a metodologia utilizada é a leitura de obras bibliográficas que tratam a “vida fora da fábrica e dos sindicatos”, como também das obras que apresentam as práticas, disputas e conquistas no interior de suas organizações, e que tratam de questões relacionadas ao estudo com os jornais. Mas em linhas gerais, pode-se considerar que há o trabalho de comparar as leituras bibliográficas com as fontes primárias, ou seja, os periódicos *A Luta* e o *A Democracia*. E com isso, espera-se colaborar com a memória cultural e das lutas sociais do movimento operário do Estado.

**PALAVRAS-CHAVE:** História do Trabalho. Movimento Operário. Cultura operária.

**ABSTRACT:** This paper proposes to investigate the practices, means of dissemination and the concern occupied with transforming the cultural conceptions of the period spaces. Thus, through the actions of the workers and how they promote and articulate the actions to face the class struggle in his productions and performances in the culture of the period. Finally, we emphasize that the methodology used is reading literature works that treat "life outside the factory and trade unions", as well as works that present practices, disputes and achievements within their organizations, and dealing with issues related to the study of the newspapers. But in general, one can consider that there is work to compare the readings with the primary literature sources, ie journals *Struggle* and *Democracy*. And with that, we hope to collaborate with cultural memory and social struggles of the labor movement in the state.

**KEYWORDS:** History of Labor. Labour Movement. Working culture.

## Introdução

O movimento operário de Porto Alegre protagonizou grandes ações ao longo de sua história<sup>1</sup>. Isso significa dizer que as pessoas que ocuparam as fileiras das associações, sindicatos e grupos sociais atuaram de diversas maneiras objetivando as transformações sociais que as suas ideologias instigavam. E é a partir desta reflexão que se inicia a discussão sobre quais foram os recursos utilizados para difundir as suas ideias e quais eram as práticas e os espaços ocupados por estes agentes históricos.

Com isso, preocupou-se em investigar diretamente nos seus jornais já que ali se encontram as maiores e mais importantes obras produzidas pelos socialistas e anarquistas desta cidade no período. Analisou-se também sobre a perspectiva de que os textos e ideias difundidas por estes militantes ultrapassaram os limites nacionais, pois este foi um período de muitas migrações da Europa para a América.

Ocorrendo assim trocas de informações de forma conjunta a estes deslocamentos de grupos ou pessoas. Sendo então uma valiosa ferramenta que os militantes do solo porto-alegrense utilizaram para o embate contra a burguesia e o modo de produção capitalista. Então, a partir destas distribuições os militantes conseguem criar e fomentar uma rede de solidariedade internacional. E com esta rede, os anseios e perspectivas são compartilhados esperando que a ajuda dos companheiros de luta.

Desta forma, estudar o movimento operário do início do século XX resultou na percepção de menções aos acontecimentos, disputas e lutas que ocorriam em outros países. E através desta comunicação, percebeu-se que distintas realidades dialogavam e acabavam, por fim, em conhecer-se, identificar-se e projetarem ideias em comum para serem concretizadas conforme os seus objetivos e práticas ideológicas, além de colaborar de diversas formas para a luta de classes.

---

<sup>1</sup>As principais produções sobre Porto Alegre que norteiam a produção deste artigo são: Sílvia Petersen (2004) (2001); Isabel Bilhão (2005) (1999); Beatriz Loner (2007) (1999); Benito Schmidt (2002), Caroline Poletto (2011), Silva (2010) e Sandra Pesavento (1992). Enquanto que Sílvia Petersen realiza trabalhos sobre o movimento operário, suas produções e organizações, Bilhão investiga as rivalidades e solidariedades como também a formação de uma identidade militante entre os operários. Beatriz Loner ao estudar a região sul do Rio Grande do Sul, apresenta quadros do interior e de conexões com a capital e exterior necessários para vislumbrar o conhecimento que os militantes de uma cidade tinham da outra. Pesavento a partir de Gramsci investigou a dominação do capital e a disciplina do trabalho imposta para os trabalhadores.

Ao que tange Porto Alegre e o seu contexto histórico, pode-se dizer que os militantes anarquistas e socialistas se organizam em grupos de interesses. Estes grupos dialogaram e criaram alternativas de sistema motivadas pelas leituras sociais que desenvolveram. O que significa afirmar que os militantes desenvolveram e difundiram a criação de uma identidade peculiar, ou seja, distinta dos demais.

### **A atuação em Porto Alegre**

As transformações da cidade impulsionaram as indústrias e as fábricas, o que aumentou o quadro de trabalhadores convivendo nela. Conjuntamente, o espaço urbano criava novos lugares de atuação. Estas possibilidades surgiram da inovação tecnológica e ampliação dos conflitos e embates entre os “mais ricos” com os “mais pobres”, assim, algumas formas de luta e resistência foram utilizadas para amenizar o impacto deste crescente capitalismo na vida dos trabalhadores.

O conjunto do governo compreendia através da lógica positivista que as distintas classes deveriam cooperar mutuamente para o desenvolvimento da sociedade, limitando-se quanto à participação direta em embates de classe. Já o patronato, compreendia a lógica taylorista como um bom método de trabalho (PESAVENTO, 1988). Enquanto que, de forma generalizada, as esquerdas do movimento operário se baseavam na luta de classes e uma maior e melhor distribuição das riquezas sociais para nortear as suas ações.

Deste modo, para este artigo, que visou à pesquisa em relação à atuação dos operários, mais especificamente, os anarquistas e socialistas, limitou-se assim, ao seu conjunto de manifestações nos diversos palcos que eles ocuparam. A fundação e organização de associações e sindicatos iniciaram-se no século XIX<sup>2</sup>.

Por exemplo, a Liga Operária Internacional teve o seu Estatuto lançado ao público em 1896 (ESTATUTOS DA LIGA OPERÁRIA INTERNACIONAL *apud* PETERSEN & LUCAS, 1992, p. 62). A partir deste documento, se percebeu que havia a preocupação com a educação (ESTATUTOS DA LIGA OPERÁRIA INTERNACIONAL *apud* PETERSEN & LUCAS, 1992, p. 66-7), socorro dos trabalhadores em caso de necessidades (ESTATUTOS

<sup>2</sup> Alguns realizavam críticas à sociedade enquanto que outros eram de fundo assistencialista.

DA LIGA OPERÁRIA INTERNACIONAL *apud* PETERSEN & LUCAS, 1992, p. 66-7). Quatro anos depois, surge o programa do Partido Operário do Rio Grande do Sul (PETERSEN & LUCAS, 1992, p. 81-3). Já em 1897, o Manifesto do Partido Socialista do Rio Grande do Sul (PETERSEN & LUCAS, 1992, p. 89; 93-4). E no ano de 1898 o I Congresso Operário do Estado<sup>3</sup> (PETERSEN & LUCAS, 1992, p. 104).

Estas exemplificações demonstram a historicidade do movimento operário gaúcho. Mesmo que entre os programas e diretrizes destas organizações existissem ambiguidades e contradições, pode-se afirmar que eles tinham a preocupação com a condição social vivenciada pelos trabalhadores. Dentre elas, destacam-se: a escolaridade, o socorro em caso de necessidades, direitos infantis e femininos, como também o sufrágio universal.

No Rio Grande do Sul, “o anarquismo parece ter suas origens ligadas à dissolução, no Paraná, por volta de 1895-1896, da Colônia Cecília de anarquistas italianos” (PETERSEN & LUCAS, 1992, p. 125). E as suas atuações foram variadas, abrangendo “grupos de estudos e um jornal, A LUTA, através dos quais foram ampliando, no meio operário, a penetração das ideias libertárias sobre a organização da sociedade” (PETERSEN & LUCAS, 1992, p. 125). Enfim, situa-se que:

Já no congresso Operário de 1898, antes referido, compareceram com o Grupo Libertários e em 1902 fundaram a União Operária Internacional, para contrabalançar a influência das associações de orientação socialdemocrata. (PETERSEN & LUCAS, 1992, p. 125).

Conforme destacou Petersen (2001), um grupo de anarquistas participou do Congresso Operário de 1898, no caso, “o Grupo Libertários apareceu representado, como vimos, por Giuseppe Vitola, Caetano Awecwnri, José Ver-Schoore ou (e) José Luiz de Araújo, Giuseppe Ferla e José Rey Gil” (p. 136). E deste evento ficou destacado que o Grupo propôs a fomentação de “[...] centros de estudos sociais, bibliotecas, grupos de teatro social e a

<sup>3</sup> Os debates foram divididos em dois dias, sendo que no primeiro, a discussão girou em torno de: O que é o operário; qual a sua posição no Rio Grande do Sul; e o que lhe cumpre fazer como classe produtora? Já no segundo: qual deve ser o modo de agir do proletário, no Estado? Resumidamente, encontraram tais respostas as quais os operários tentariam colocar em prática: Primeiro, a criação de ligas operárias internacionais de resistência; a instituição de bibliotecas em cada sede e fundação de um jornal socialista. (ECHO OPERÁRIO, Rio Grande, 18-1-1898, p. 1-2)

formação de escolas para alfabetizar os trabalhadores e seus filhos” (RODRIGUES apud PETERSEN, 2001, p. 137).

Percebeu-se assim a ênfase dada pelos libertários para a fomentação de iniciativas culturais desde os primórdios de sua participação na política porto-alegrense e estadual. Estes anos iniciais do anarquismo em terras gaúchas não conta com um grande número de documentação, conforme foi detalhado pela Petersen (2001). Porém, esta situação mudou a partir de 1906, quando surge o *A Luta*.

Se pelo lado dos socialistas o jornal *A Democracia* tornou-se o seu porta-voz, os libertários encontraram no *A Luta* para difundir os seus ideais. Outra característica destes jornais foi o de denunciar as condições de trabalho e outras formas de exploração, seja do governo quanto dos patrões.

Para além dos jornais, os militantes tiveram vida ativa em várias atividades. Diga-se, do trabalho para o sindicato quanto a vida cotidiana e os lazeres oportunizados pela cidade. E relativo a estas preocupações, as lideranças procuraram ocupar os espaços e formar alternativas para que os trabalhadores ficassem entre seus pares, em sentido de união e oposição aos eventos realizados pela burguesia<sup>4</sup>.

Das atividades fora da fábrica realizadas no período, podem-se destacar os piqueniques, as comemorações do 1º de Maio, bailes e quermesses e a organização de grupos teatrais. Estes eventos têm vários fins, entre eles, o pedagógico, ou seja, de instruir através de palestras e conversas, como também o de criar fundos para algo, tal como o jornal<sup>5</sup>.

Deste modo, passa-se agora para o debate sobre as atividades protagonizadas pelos anarquistas e socialistas em Porto Alegre.

## Espaços e práticas

O 1º de Maio pareceu ilustrar perfeitamente os espaços ocupados por estes grupos, destacou-se que as sedes, as ruas, chácaras, praças e a frente das fábricas foram palcos de eventos, dentre eles, este exemplificado. O caso da demonstrou existir várias práticas para conscientizar o proletariado em prol de seus ideais, dentre eles, a União dos Trabalhadores em

<sup>4</sup> Pode-se considerar o burguês como o patrão, ou o detentor dos meios de produção.

<sup>5</sup> O jornal *A Luta* foi beneficiado com um baile no ano de 1907.

Madeira, ligado ao grupo socialista realizou sessões de teatro. Exemplifica-se um evento realizado em “benefício de suas projetadas aulas”, ou seja, suponha-se que estavam organizando maneiras de ministrar aulas para os trabalhadores e seus filhos. No tal evento foram apresentadas duas peças teatrais, no primeiro momento a *Leviandade dos pais* de autoria do escritor amador Boaventura Silva. Enquanto que a segunda peça foi uma comédia, com o nome *Por causa da Pindaíba*. E concluindo esta parte, o artista amador José Macchi monologou os *Episódios da revolta*. (**A DEMOCRACIA**, p. 1)<sup>6</sup>

O ato político se deu no final, quando Francisco Xavier da Costa discursou sobre os acontecimentos do movimento operário do Estado e concluiu convidando os participantes a se integrarem as fileiras socialistas de luta em prol do operariado. Após, outros oradores falaram da greve, o “dever operário” e agradecimentos aos auxílios dos amadores dramáticos. As falas são encerradas com a recitação da poesia de Ribeiro Júnior, intitulada *O Trabalho*. E assim uma orquestra musical se apresenta concluindo o evento (**A DEMOCRACIA**, p. 1)<sup>7</sup>.

O 1º de Maio gerou desentendimentos por parte dos anarquistas e dos socialistas. Para os anarquistas existia uma crítica profunda a esta forma de “comemorar” a data. No caso dos libertários, eles organizavam palestras e debates relativos aos “mártires” de Chicago de 1886. Mas isso não quer dizer que os anarquistas não organizavam bailes e atividades de lazer.

No ano de 1907 o jornal *A Luta* publicou uma edição<sup>8</sup> com seis páginas e ilustrado. Neste jornal, os libertários criticam o posicionamento festivo dos socialistas e dos patrões e reforça a questão dos mártires de Chicago. Neste exemplo, a sessão solene ocorreu “no salão 1º de Maio, á avenida Missões” (**A LUTA**, 1º de Maio de 1907, p. 5). E os organizadores foram os integrantes do Sindicato dos Marceneiros e Anexos. A forma personificada da luta pela liberdade, no referido jornal, foi o da impressão de uma mulher conduzindo os homens à redenção. A *Libertadora*, assim como é intitulada, é acompanhada de textos explicando todos os valores simbólicos referidos à data.

Neste exemplo ainda aparecem as críticas sobre os “que comemoram”, negligenciando, quando também, omitindo a sua real representatividade. Desta forma, os

<sup>6</sup> Data ilegível, porém, a princípio o evento ocorreu no dia 26 de agosto sendo que tudo indica que este jornal é da primeira quinzena de setembro de 1905.

<sup>7</sup> Data ilegível, porém, a princípio o evento ocorreu no dia 26 de agosto sendo que tudo indica que este jornal é da primeira quinzena de setembro de 1905.

<sup>8</sup> Jornal do Ano I e número 16.



anarquistas realizam uma conferência junto ao *Salão 1º de Maio*, terminando as ações junto a *Escola Eliseu Réclus*. Por fim, assistem uma passeata protagonizada pelos socialistas.

A’ noite, da sacada da escola Eliseu Reclus vimos a passeata ridícula da crumirada da Companhia Progresso Industrial, acompanhados por uma banda marcial, queimando fogos e foguetes, de volta do *pic-nic*, que, conforme haviam anunciado, realizou-se num pinturesco lugar da Tristeza. (A LUTA, 15 de maio de 1907, p. 1).

Já no número dezessete<sup>9</sup>, datado do dia 15 de maio, os anarquistas apresentaram um levantamento das principais atividades do 1º de Maio pela cidade e, também, de algumas localidades do Estado. Na primeira página já consta que “o sindicato dos Marceneiros foi a única associação que soube rememorar com coerência e dignidade a mais tétrica de todas as páginas que compõem a história proletária” (A LUTA, 15 de maio de 1907, p. 1). E pontuam criticamente que “os demais, além de cometerem uma ignomínia a memória dos nossos irmãos abnegados, cujo sangue ainda clama vingança, fizeram deste dia um pacto de paz entre forças irreconciliáveis: o trabalho e o capital” (A LUTA, 15 de maio de 1907, p. 1).

O objetivo dos encontros e eventos parece ser pedagógico, até então foram encontradas notas sobre palestras, bailes e outras atividades que em determinado momento algum orador discursava em prol dos ideais das lideranças e da ideologia que eles seguiam. Neste sentido, Adhemar Lourenço da Silva Jr (1996) alerta que os sindicatos não possuíam em seus estatutos o posicionamento ideológico que seguiriam, sendo que:

[...] mesmo que os socialistas quisessem construir grandes associações de trabalhadores, com o objetivo de manter uma política autônoma de classe, as associações “socialistas” deveriam se **declarar politicamente neutras**. As relações das associações operárias com os grupos de orientação política – fossem socialistas ou anarquistas – eram **informais**: não são os sindicatos os que subscrevem programas de grupos políticos, mas as lideranças desses sindicatos. (SILVA JR, 1996, p. 13)<sup>10</sup>.

<sup>9</sup> Posterior ao publicado no 1º de Maio, ou seja, na data de 15 de maio de 1907.

<sup>10</sup> Grifo do autor.

Deste modo, evidencia-se que as lideranças acabavam sendo os norteadores dos projetos políticos das associações e dos sindicatos. E estas instituições organizavam atividades em que se faziam presentes estes líderes.

Além desta organização formal, os anarquistas do *A Luta* incentivavam a organização de grupos filodramáticos. E foi no ano de 1907 que eles anunciam com empolgação a formação de um *Grupo Filodramático Libertário*. Então destacam que:

A importância que poderá ter uma agremiação de tal gênero é nos desnecessário encarecer; em nosso meio vejetam as sociedades dramáticas particulares que, ao em vez de se tornarem centros educativos são antes embrutecedores com os seus detestáveis e imoralíssimos dramalhões. Além disso essas sociedades servem mais para dar largas á vaidade de meia dúzia de indivíduos e para o proletário não só são prejudiciais moralmente como economicamente, pois exigem um certo luxo dos frequentadores e cobram uma mensalidade relativamente pesada para as bolças pobres. (**A LUTA**, 15 de maio de 1907 p. 3).

Este *Grupo* tinha o intento de ser uma alternativa de lazer e instrução para os trabalhadores. A ideia dos libertários era a de realizar um teatro social, debatendo os problemas da sociedade, a situação política, economia e dar ênfase aos anseios ideológicos das lideranças anarquistas. Além de terem a pretensão deste *Grupo* ser uma “agremiação instrutiva e educativa popular acessível a todos os operários” (**A LUTA**, 15 de maio de 1907, p. 3).

O *Grupo Filodramático* utilizar-se-ia de peças para repertório traduzidos pelos próprios militantes, e finalizam convocando “em nome dos camaradas que compõem a novel e útil agremiação pedimos aos nossos coideanos do exterior que se interessam por esse meio de propaganda de nos remeter peças teatrais que obtiverem e que julguem atingir o nosso desiderato” (**A LUTA**, 15 de maio de 1907, p. 3).

De modo geral, o teatro foi de tendência social, com cunho crítico as relações sociais existentes<sup>11</sup>. Dentre as características, pode-se dizer que os dramaturgos, em sua maioria eram

<sup>11</sup> Isabel Bilhão (1999) constatou a presença de um *Grêmio Dramático Operário Xavier da Costa*, porém, nada mais foi identificado em relação a este grêmio. No caso, a notícia encontrada é do *Correio do Povo* de 17 de setembro de 1911 (p.1).



amadores. Sendo assim, os dramas que os anarquistas apresentavam davam conta de narrar às explorações vividas pelo cotidiano dos trabalhadores. Já os socialistas aproveitavam peças de gêneros distintos. Com isso, não se quer dizer que os anarquistas não realizassem apresentações ligadas à comédia. E mesmo as comédias, como todas as peças em geral, foram inspiradas pela realidade experimentada pelos operários.

Já a figura do patrão apareceu revertendo os valores do 1º de Maio, (re)configurando-os, através de suas festividades em sentido do dia da “festa dos trabalhadores”. Desta forma, apareceu a presença de outro elemento utilizado pelos patrões e, também, pelos militantes socialistas e anarquistas, ou seja, o piquenique. Para o caso de Santo Ângelo<sup>12</sup>, a comemoração se deu com a festividade regada a um barril de vinho e “fizeram também saber que não *consentiam que alguém trabalhasse nesse dia sob pena de ser despedido*, pois, no dizer deles, era o dia da ‘festa dos trabalhadores’”<sup>13</sup> (A LUTA, 15 de maio de 1907, p. 1).

Em setembro de 1907 foi realizada uma *Quermesse* em prol dos libertários. A nota foi lançada na primeira página do dia 3 do respectivo mês e faz-se dizer que:

Um grupo de amigos da *Luta* tomou a incumbência de procurar com que se leve a efeito uma quermesse em benefício do nosso periódico. Essa ideia tem encontrado apoio e simpatia por parte de muitos trabalhadores, dentre os quais alguns já enviaram objetos para aquele fim. (A LUTA, 3 de setembro de 1907, p. 1).

A *Quermesse* acabava sendo uma maneira de realizar uma reunião festiva com pessoas próximas e que poderiam ajudar o periódico *A Luta*. A participação dos líderes e escritores do jornal foi determinante para a concretização do evento. Esta festa foi essencial para dar sobrevida ao jornal anarquista, já que eles estavam com o caixa negativo e as dívidas aumentavam de edição para edição<sup>14</sup>.

Em alguns momentos foi possível evidenciar a presença de bandas musicais. No momento atual da pesquisa não foi possível identificar o teor das músicas apresentadas por elas.

<sup>12</sup> No 1º de Maio de Santo Ângelo, o periódico *A Luta* divulgou uma carta recebida de “um camarada” que falou das dificuldades de conseguir que os trabalhadores paralisassem na simbólica data.

<sup>13</sup> Grifo do autor.

<sup>14</sup> A prestação de contas até esta data constava com déficit de 47\$460. O caixa levantou o lucro de 266\$800, deixando o jornal com saldo de 215\$600.

Os espaços ocupados giravam em torno de algum Gabinete de Leitura, associações ou sindicatos. Se os libertários organizaram junto a escola *Eliseu Réclus* a sua biblioteca, sendo aberta para todos os operários, os socialistas fomentaram conjuntamente em outros espaços destinados a leitura e ao aprendizado dos trabalhadores e suas famílias. A presença de obras de distintas origens, o que significa dizer que os impressos de suas amostras iam de textos positivistas, socialistas, racionalistas, anarquistas, literários em geral até republicanos. De modo geral, a censura em relação a algum material ficou evidente apenas quando as lideranças da redação dos materiais tivessem algum desentendimento político mais sério.

Retornando a questão do 1º de Maio, perceberam-se duras críticas de parte dos anarquistas em relação aos operários que comemoraram a data. Segundo eles, o simbolismo exigia reverência aos mártires e a forma prática de honrá-los seria o de organizar e dialogar a respeito do embate contra os patrões. Por tanto, a luta de classe recebia um trato especial nas atividades que marcavam o dia.

Enfim, infelizmente não foi possível abordar as diversas manifestações de eventos e utilização de mecanismos culturais dos socialistas e anarquistas entre o operariado. Os limites apresentados se contrastam com o número de páginas quanto pelo caráter inicial da pesquisa. Mas fica evidenciado que os militantes se esforçaram em ocupar os mais distintos espaços visando integrar, formar e divulgar os ideais que norteavam estas lideranças. O protagonismo dos líderes não significa limitar a atuação das bases de cada sindicato, mas sim o de dar ênfase nas suas colocações e aquisições por parte de grupos dos trabalhadores em prol dos ideais difundidos.

Os pedidos de solidariedade, boicote e embates apareciam no principal meio de difusão destas militâncias. Sendo assim, se evidenciou que os jornais eram as principais ferramentas de discussão, instrução e divulgação de seus ideais. Os redatores de ambas ideologias não pouparam críticas ao governo, patrões e outros trabalhadores que de uma forma ou outra coíbam os mais oprimidos. E é neste sentido que o diálogo a respeito dos meios de difusão são apresentados.

## Meios de difusão

Enquanto que os anarquistas escreveram no jornal *A Luta* a partir de 1906. Os socialistas se apoiaram no *A Democracia*, jornal este que surgiu no 1º de maio de 1905. Mas não se pode pensar que estes periódicos foram veiculados sem dificuldades, e a que mais limitaram as suas atuações foram os problemas econômicos. Um exemplo foi apresentado no periódico socialista que diz:

Firmes no proposito de levar ávante a pratica do que almejávamos, começamos a envidar esforços para a obtenção dos mais precisos. Era nosso intento poder estabelecer uma officina typographica perfeitamente em condições de promptificar um jornal \* regular formato e de publicação sinão diaria, pelo menos tri-semanal. (**A DEMOCRACIA**, 1 de junho de 1905, p. 1).

Mas os editores dos jornais investiram em alternativas para aumentar o número de assinantes, leitores, e de distribuir para outras localidades a sua produção. No periódico *A Luta* deu um exemplo deste pensamento:

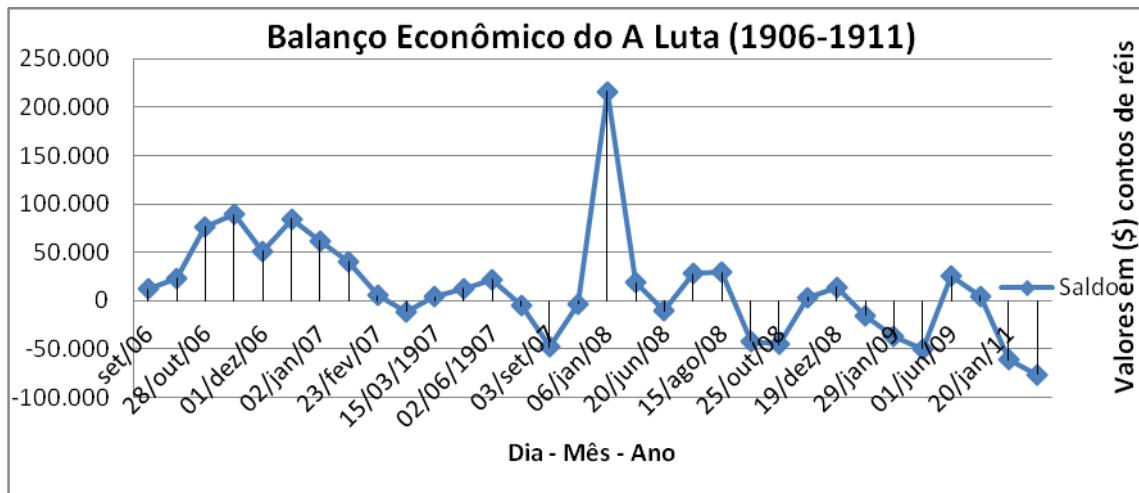
Como veem, a despeza de impressão é pequena, e os que se encarregam da direção do jornal outro interesse não têm, sinão o de ver os trabalhadores em geral, cõncios de seus direitos, se dirigirem por ai mesmos e por ai mesmos iniciarem as lutas que o levarão á conquista da sua liberdade integral. (**A LUTA**, 29 de setembro de 1906, p. 4).

Se as ideias que norteavam o periódico eram o de abranger o maior público possível, percebeu-se que estes militantes procuravam entre os seus pares os recursos econômicos para a manutenção do jornal. Citam que “a subscrição voluntária para sustentá-lo tem sido bem correspondida e esperamos de todos aqueles que julgarem útil essa publicação a continuidade deste apoio material” (**A LUTA**, 29 de setembro de 1906, p. 4).

O interessante é que havia a prestação de contas para o público, contendo ainda, o nome da pessoa que colaborava com o jornal. Deste modo, os libertários apresentaram em vários números o balanço da receita dos jornais distribuídos na cidade.

A partir da tabela abaixo, percebeu-se que o saldo ficou positivo. Mas nem sempre o balanço econômico lhes foi favorável. Para exemplificar a situação vivida pelos gestores do

jornal, cita-se o gráfico da contabilidade produzido a partir das prestações de conta do jornal *A Luta*.



Balço Econômico do jornal *A Luta* entre 1906 e 1911.

Deste modo, percebeu-se que no início das atividades há o equilíbrio financeiro. Enquanto que há o acirramento da briga pós-greve de 1906, que envolveu os anarquistas e socialistas de Porto Alegre, é possível, a partir de então, evidenciar a queda de capital reserva da redação do jornal. Já o salto de 1908 se deu por causa da organização de uma *Quermesse* em prol do jornal *A Luta*.

Ao passar das edições as evidências apontam para um desgaste e queda de periodicidade nas publicações. O número de subscrição voluntária diminuiu consideravelmente e há o embate com os socialistas que limita a entrada do jornal em associações e sindicatos sob esta influência.

O balanço econômico do jornal *A Democracia* não foi possível de realizar, já que não há apresentação destes dados em suas edições. Porém, houve uma frequência muito maior de publicação e consequentemente difusão de seus ideais. Bilhão (2005) trabalhou com a questão de sentimento de contemporaneidade gerada através dos jornais. E na conclusão a autora ressalta que a identidade militante articulada pelos escritores dos periódicos utilizava-se do “saber o que acontecia com os pares”, ou seja, de alguma forma, quanto mais os operários porto-alegrenses soubessem o que os demais trabalhadores, de outras localidades, em situações similares com as suas, passassem, melhor era nutrida a sua identidade de classe.

Mesmo que a formação de uma identidade não seja algo simples, parte-se desta concepção de impacto que o jornal demonstrou, já que nas páginas impressas houve muitos posicionamentos a respeito dos acontecimentos de outras cidades, países e principalmente, ao que tangia os operários. Os assuntos se passavam entre crises políticas, econômicas e os prejuízos que os trabalhadores tinham a partir das más escolhas dos governantes e dos abusos dos patrões. E destas colocações, em alguns momentos apareceram os pedidos de boicotes a algum produto e solidariedade em relação a alguma greve. Para eles, não bastava o informar, o dever era o de instruir colocando entonações nas produções que davam sentido de luta de classes.

Enfim, se os jornais foram um importante aporte para a divulgação dos ideais das lideranças redatores dos mesmos, foi na vida cotidiana familiar, na fábrica e nas “ruas”<sup>15</sup> da cidade que os militantes difundiram as suas reflexões e projetos de revolução. Nas produções impressas transparecem o que supostamente desejavam implantar, a dúvida em relação as verdades eternas sacralizadas nos religiosos, e em especialmente os católicos, tanto quanto nas formações e papéis sociais destinadas as mulheres, crianças e órfãs. As dúvidas logo dariam lugar às críticas e revoltas em relação ao que acontecia na sociedade. E assim, ficava germinando a semente revolucionária nos prováveis leitores.

### Ideias difundidas

A primeira e principal ideia difundida nos encontros e jornais foi a de que “as classes laboriosas precisam e devem ter interferência na direção da sociedade, afim de que os seus legítimos interesses sejam respeitados e haja a preponderância da Justiça na equiparação de direitos!” (A DEMOCRACIA, 1 de junho de 1905, p. 1). E é neste momento que os anarquistas e socialistas entram em confronto não solucionado até então.

Enquanto que os socialistas lutam para ampliar o número de eleitores operários, patrocinadores, por assim dizer, da eleição de “companheiros” para representá-los e “se fazer representar” nos diversos órgãos do governo, os anarquistas os chamaram de oportunistas e interesseiros, propondo para o operariado a ação direta. Em outras palavras, se os socialistas

<sup>15</sup> Ruas em sentido generalizante, situando, ou melhor, considerando a cidade com as amizades e convívios fora da fábrica e do círculo doméstico.

acreditavam e creditavam esforços na democracia representativa, enquanto que os libertários investiram em uma forma de democracia direta, sem representantes. Por tanto, o “contato direto e individual do militante libertário com o operário era uma das estratégias propostas para a divulgação do anarquismo. Não era necessário que se montasse um palanque para o ativista apresentar suas ideias, e as ocasiões informais” (LEAL, 1999, p. 56).

Alguns estudos ligam a influência dos socialistas a social democracia alemã do período. E outros relacionam como principal influência anarquista porto-alegrense os pensadores e “agitadores” franceses. Mesmo que este debate não seja realizado neste artigo, tornou-se importante considerar estas ponderações, já que é possível identificar fragmentos de produções da Alemanha quanto da França. Deste modo, resumidamente, isto demonstra a relação e ligação com grupos externos ao movimento local, o que significa afirmar que a rede de contatos e trocas de textos, ideias e outros utensílios ocorriam com frequência.

Faccio (1991) pontuou que é através dos periódicos que os militantes libertários encontraram o melhor aporte para difundir os seus ideais. E como justificativa e papel desta ferramenta, situa o leitor informando que “este sim era o grande captador dos flagrantes da vida operária e da vida burguesa. No caso desse grupo político, o saldo gerado por essa diferença é que era *matéria prima* da arte que produziam: a denúncia<sup>16</sup>” (FACCIO, 1991, p. III.6).

Pontuam-se dois exemplos para demonstrar a rivalidade existente no movimento operário de Porto Alegre. No primeiro, protagonizado pelos anarquistas, ainda em relação aos eventos que marcaram o *1º de Maio* de 1907, os libertários fazem referências irônicas em relação aos socialistas, utilizando-se da grafia “(sic)” quando os trata como “representantes dos operários” e “festas do 1º de Maio” (**A LUTA**, 15 de maio de 1907, p. 1). Finalizaram esta matéria considerando que “os burgueses e socialistas triunfaram”, unindo quando “fizeram deste dia um pacto de paz entre forças irreconciliáveis: o trabalho e o capital” (**A LUTA**, 15 de maio de 1907, p. 1), o que significa dizer, que os socialistas conciliaram no dia mais importante para os anarquistas as duas classes inimigas.

Os embates entre os socialistas e anarquistas parece ter alavancado a queda de subscrições e vendas do jornal *A Luta*. Porém, os ataques não surgiam apenas através dos

<sup>16</sup> Grifo da autora.



libertários, mas os socialistas respondiam e provocavam os seus opositores. As agressões eram mútuas e esses atritos exemplificam as diferenças ideológicas das duas militâncias. Em publicação de autoria de Carlos Macchi e datado de 25 de fevereiro de 1907 pontua que:

Quanto aos desaforos que nos tem sido dirigidos pelos traiçoeiros anarquistas que redigem esse papelucho – *A Luta*, nada diremos, visto que costumamos a terçar armas com pessoas equilibradas e de reputação não duvidosa.

Operários de todo o Estado, resguardai-vos! (**A DEMOCRACIA**, 28 de fevereiro de 1907, p. 2).

Para este evento, a nota expôs uma série de ideias marginalizando os anarquistas desde o título. Nomeado como “os dinamitistas”, a publicação questiona a “ampla liberdade” dos dinamitistas, vulga-se, os anarquistas e as “garantias concedidas pela lei que lhes é benevolente por erro essencial, por imprevidente” (**A DEMOCRACIA**, 28 de fevereiro de 1907, p. 1). Tratando este exemplo de forma resumida, evidenciou-se a presença de termos pejorativos em relação aos seguidores das ideias anárquicas. As ideias apresentadas e difamadas vão desde a organização da família e sugere que os operários façam esta ideologia desaparecer “do mundo”.

E de forma solidária e em período próximo da greve de 1906, quando ainda os socialistas e anarquistas pareciam melhor dialogar do que nos períodos seguintes, o *A Democracia* lança um agradecimento do panfleto *As bases do sindicalismo*<sup>17</sup> que lhes foi ofertado. O panfleto seria uma gentileza dos redatores do *A Luta*. E no periódico libertário foram muitas publicações criticando a postura dos socialistas na greve e nos processos eleitorais.

De modo geral, os socialistas apresentaram as suas ideias, mecanismos e métodos que levariam a sociedade para a revolução do regime econômico e político que almejavam. Pensavam na revolução com cunhos reformistas, o que significa afirmar que convocavam e incentivavam a participação no sistema eleitoral.

---

<sup>17</sup> De autoria de Emilio Pouget, o escrito é uma das referências utilizadas pelos anarquistas de Porto Alegre. Na nota, os socialistas fazem propaganda do jornal *A Luta* e divulgam a venda do *As bases do sindicalismo* por 200 réis e mais os exemplares de periódicos libertários como o *A Terra Livre*, *Il Libertario*. E divulgam o Stefan Michalski como quem receberia as correspondências em nome do referido jornal (**A DEMOCRACIA**, 13 de janeiro de 1907, p. 4).

Enquanto que os libertários de base sindicalista revolucionária e encontravam-se dentro dos sindicatos participando e auxiliando os trabalhadores ao mesmo tempo em que fomentavam a revolução social. Acreditavam na ação direta e rejeitavam os intermediários e mediadores que representassem os trabalhadores “em suas queixas”. Eram enfáticos quanto a participação dos operários nas greves e sindicatos, quando estas duas ferramentas colaborassem conjuntamente para a conscientização das massas em prol da luta de classe.

Tanto os socialistas quanto os anarquistas divulgaram ideias relacionadas à moral da organização familiar, organização política e distribuição econômica dos bens e riquezas produzidas pela sociedade. Lançaram críticas a religião, principalmente na católica, quanto também aos patrões, governantes e eventos promovidos pelos burgueses. Em contraponto aos eventos, ao patronato e aos gestores da república, as lideranças de ambas as ideologias difundiram novas tendências, com fins diversos e lutaram para concretizar as suas ações conforme lhes foi possível.

Quanto à função social das produções literárias pode-se dizer que elas tinham o papel de representar a vida operária, reforçando valores e dando (re)significações (re)integrando-as conforme lhes apreciava em forma impressa pelos jornais que representavam as suas tendências ideológicas.

E de maneira geral, concordou-se com a colocação de Maria Nazareth Ferreira (1978) quando a autora apontou que “a imprensa operária parece ser a mais importante documentação primária para a história das classes trabalhadoras” (FERREIRA, 1978, p. 87). E mesmo que haja a constatação de que “a imprensa operária, entretanto, não conseguiu encontrar uma certa regularidade na sua distribuição; mais de uma vez os jornais desapareciam de circulação” (FERREIRA, 1978, p. 104). Porém, o jornal *A Democracia* pareceu, até o momento da presente pesquisa, ter uma regularidade maior do que em relação ao *A Luta* no período estudado.

Considerando que “a tradição de luta por melhores condições de vida, travada pelo trabalhador brasileiro, é antiga; o escravo, em solo brasileiro, foi o primeiro trabalhador oprimido a lutar pela liberdade e direito a uma vida digna” (FERREIRA, 1978, p. 145). Deste modo, no Brasil não se pode afirmar que os tempos aureos da luta de classe ocorreu na República Velha, mas que as formas de resistência e os métodos como as compreensões e

representações delas foram transformadas, o que inclui dizer, formadas conscientemente e inconscientemente, ao longo dos anos.

Enquanto a presença imigrante no movimento operário, mesmo que ela seja essencial para dar novas conotações no embate contra a burguesia, ela não é, essencialmente formada apenas de italianos ou alemães. Considerando as lutas supramencionadas, encontrou-se na obra de Constantino (1991) a distribuição étnica por parte dos italianos e os espaços, profissões e organizações ocupadas destes imigrantes na sociedade porto-alegrense. No mesmo sentido, Borges (1993) esclareceu alguns aspectos da participação italiana nas associações e sindicatos de Porto Alegre. Estas duas obras são essenciais para encontrar o público e os protagonistas que auxiliaram na composição e embates ocorridos no período, nesta distinta cidade.

As lideranças tinham, deste modo, que dialogar com os imigrantes de várias origens, assim como os trabalhadores nacionais. E as suas publicações tinham como enfoque o combate contra a dominação do capital e da disciplina do trabalho (PESAVENTO, 1988) imposto pelos patrões burgueses. E apesar dos trabalhadores passarem longas horas do dia na fábrica, tem-se que investigar, dentro do possível, e dialogar com a vida cotidiana, a de fora da fábrica. Para isso, Pesavento (1994) ao abordar os pobres da cidade, colaborou para a pesquisa o alcance possível dos textos, ideias e da presença militante em Porto Alegre.

Por fim, os militantes anarquistas e socialistas se esforçaram para conhecer e difundir nos respectivos jornais as suas versões e interpretações da realidade. Focaram na transformação da sociedade e para isso envolveram todos os espectros da realidade social experimentada pelos trabalhadores de Porto Alegre.

## Conclusões parciais

Iniciam-se as conclusões parciais considerando que houve a iniciativa pedagógica em praticamente todas as ações relacionadas aos eventos promovidas pelas associações, sindicatos e lideranças ligadas às ideologias trabalhadas na presente pesquisa.

Os espaços e práticas que os militantes organizaram para difundir os seus ideais foram vastos. Vão, em linhas gerais, de chácara, associações, sindicatos até as ruas da cidade. Os socialistas incrementaram as suas práticas utilizando-se de bandeiras, o que os poderia

identificar em uma marcha. As conferências, palestras e oratórias eram frequentes nos eventos, e costumeiramente parece que eram proferidas entre alguma atividade ou outra. Já sobre as práticas, elas vão da dramatização de peças escritas por amadores, músicas e textos publicados nos jornais ou revistas e livros.

Enfim, as ideias difundidas eram de solidariedade enquanto classe revolucionária quanto de embates, o que significa dizer que havia conflitos internos ao movimento operário como principalmente contra a burguesia. Os anarquistas apresentavam os ideais sindicalistas, a importância da greve e as suas concepções sobre família e política. Já os socialistas escreviam sobre as reformas propícias através das eleições de representantes dos trabalhadores, quando também criticavam a religiosidade e os valores burgueses.

Como última consideração ressalta-se a importância de realizar tal empreendimento. Este estudo visa colaborar com a construção da memória regional dos trabalhadores e da luta de classe. Assim como também com os estudos sobre a vida cotidiana e cultura experimentada pelos operários e pobres dos anos de 1900 a 1910.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BILHÃO, Isabel Aparecida. **Identidade e Trabalho: análise da construção identitária dos operários porto-alegrenses (1896 a 1920)**. Porto Alegre: Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

\_\_\_\_\_. **Rivalidades e Solidariedades no Movimento Operário (Porto Alegre 1906 – 1911)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

BORGES, Stella Maris Araujo. **Italianos: Porto Alegre e trabalho**. Porto Alegre: ESTEdições, 1993.

CONSTANTINO, Núncia Maria Santoro de. **O italiano da esquina: imigrantes na sociedade porto-alegrense**. Porto Alegre: ESTEdições, 1991.

FERREIRA, Maria Nazareth. **A imprensa operária no Brasil – 1880 – 1920**. Petrópolis: Vozes, 1978.

LONER, Beatriz Ana. **O movimento operário**. In: GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson (Org.). República Velha (1889-1930). **Passo Fundo: Méritos, 2007, v. 3 tomo I (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul), p. 499- 525**.

LONER, Beatriz Ana. **Classe Operária: mobilização e organização em Pelotas: 1888-1937**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Tese (Doutorado em História), 1999.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **A burguesia gaúcha: dominação do capital e disciplina do trabalho (RS: 1889-1930)**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

\_\_\_\_\_. **O cotidiano da república**. 2. Ed. – Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1992.  
PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. LUCAS, Maria Elizabeth. **Antologia do movimento operário gaúcho (1870-1937)**. Porto Alegre: Ed. Da Universidade/UFRGS/Tchê!, 1992.

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. SCHMIDT, Benito. **O movimento operário no Rio Grande do Sul: militantes, instituições e lutas (das origens a 1920)**. In: Luiz Alberto Grijó; Fábio Kühn; Cesar Augusto Barcellos Guazzelli; Eduardo Santos Neumann (Org.). **Capítulos de História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004, p. 209-240.

POLETTO, Caroline. **Tao perto ou tan lejos? Caricaturas e contos na imprensa libertária e anticlerical de Porto Alegre e de Buenos Aires (1897-1916)**. São Leopoldo: dissertação de mestrado (mestrado em história), 2011.

SCHMIDT, Benito Bisso. **O Patriarca e o Tribuno: caminhos, encruzilhadas, viagens e pontes de dois líderes socialistas – Francisco Xavier da Costa (187? – 1934) e Carlos Cavaco (1878 – 1961)**. Tese de doutorado (Doutorado em História) Unicamp, Campinas, 2002.

SILVA, Nauber Gavski da. **Vivendo como classe: as condições de habitação e alimentação do operariado porto-alegrense entre 1905 e 1932**. Dissertação de mestrado (Mestrado em História), UFRGS, Porto Alegre, 2010.